

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

ADRIANE CORRÊA DE BARROS

A PRESENÇA DO TEXTO NÃO-VERBAL NA LITERATURA INFANTIL

CURITIBA

2018

ADRIANE CORRÊA DE BARROS

A PRESENÇA DO TEXTO NÃO-VERBAL NA LITERATURA INFANTIL

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientação: Prof.^a Dra. Ana Paula Silveira

CURITIBA

2018

ADRIANE CORRÊA DE BARROS

A PRESENÇA DO TEXTO NÃO-VERBAL NA LITERATURA INFANTIL

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 10 de OUTUBRO de 2018.

Profa. Dra. Ana Paula Silveira – UTFPR – Orientadora

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR – Avaliador

Profa. Dra. Luciana Pereira da Silva – UTFR – Avaliadora

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e forças para terminar este curso.

Agradeço à professora Ana Paula Silveira, por ter aceito ser minha orientadora.

Agradeço aos professores que contribuíram para o meu aprendizado.

Agradeço aos meus colegas de classe pelo convívio agradável ao longo do curso.

Agradeço a minha família pelo incentivo a continuidade dos meus estudos.

Conhecer as imagens que nos rodeiam significa também alargar as possibilidades de contato com a realidade; significa *ver* mais e *perceber* mais...”
(Bruno Munari).

RESUMO

BARROS, Adriana Corrêa de. A presença do texto não-verbal na literatura infantil. 2018. 40 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Ao analisarmos os livros de literatura infantil fornecidos pelo PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa), observamos que muitos leitores contemplavam a narrativa exclusivamente visual. Para este estudo, escolhemos o livro “Bocejo” (MORICONI; BRENMAN, 2012), disponibilizado gratuitamente para as séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas. Utilizamos o conceito de leitura, que vai além do ato mecânico, mas é entendido aqui como compreensão do mundo.

Palavras-chave: Leitura. Literatura infantil. Intertextualidade. Texto não-verbal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. LEITURA.....	8
2. LITERATURA INFANTIL.....	16
2.1 INTERTEXTUALIDADE.....	20
2.2 PARA QUE SERVE UM LIVRO SEM FIGURAS NEM DIÁLOGOS?.....	23
3. ANÁLISE.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

A em pesquisa em questão ao abordar o tema A apresenta do texto não-verbal a Literatura Infantil, apresenta um leque de possibilidades para o estudo da literatura infantil. Como é possível um livro com texto não verbal possibilitar a aprendizagem? Por isso, se faz necessário analisar os livros de literatura infantil fornecidos pelo PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa) no ano de 2017, para as séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas.

A partir de uma análise geral nos livros, o livro “Bocejo” (MORICONI; BRENMAN, 2012), foi selecionado para o desenvolvimento da pesquisa.

Com o estudo deste livro, julgou-se imprescindível compreender o que é o texto não-verbal, entender qual é a sua contribuição para aprendizagem e analisar o livro escolhido para entender a sua temática.

Para a realização deste trabalho será utilizado a pesquisa bibliográfica para fundamentar a pesquisa.

Assim, a pesquisa tem por finalidade discutir sobre a utilização do texto não-verbal nos livros de literatura infantil. Sabendo que desde 2013, as escolas públicas municipais recebem as “caixas” do PNAIC para as turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental.

Estas caixas trazem aproximadamente 30 livros cada uma, contemplando diversos gêneros e assuntos, sempre de acordo com a faixa etária de cada turma.

Desta forma, ao analisar livros que contemplam o texto não-verbal é fundamental, pois percebe-se que muitos alunos, mesmo aqueles que não ainda não sabem ler, recusam esses livros, pois alegam que não tem “nada” escrito.

Sabendo que este formato de texto, não está presente apenas nos livros de literatura infantil, considera-se importante entender como estes livros contribuem para a aprendizagem da leitura e escrita, como também para o desenvolvimento intelectual.

Devido ao modelo de sociedade em que vivemos, onde a mídia, jornais, internet, possuem informações manipuladas, o uso contínuo desse tipo de texto, pode vir a ser um aliado.

O trabalho se divide em três capítulos a partir da introdução. O primeiro aborda sobre a leitura. Como o ato de ler é tão antigo quanto a própria escrita. Mas esse conceito, vai além do ato mecânico reproduzir oralmente o que se está escrito.

Quando falamos em ler, temos que ter em mente que este é um processo dialético, que está sempre em movimento leitura-reflexão-leitura. Processo este, que se estende por toda a vida.

No segundo momento deste trabalho trata-se da literatura infantil, que ao questionar sobre qual a serventia da literatura, percebemos muitos benefícios, que está nos proporciona, e também “no universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo (...)” (CALVINO, 1990, p. 19-20).

Em paralelo, disponível não apenas para o público adulto, a literatura infantil vem ao encontro das necessidades do público infantil. Que de forma intertextual, essa literatura transforma os mais variados assuntos acessível para todas as idades.

Em um momento em que a imagem tem buscado cada vez mais espaço, compreender o seu sentido, também se tornou fundamental. Mas para que serve um livro se figuras e nem diálogos? Sabendo-se que imagem é diferente de figura, a imagem vem a contribuir para o desenvolvimento na imaginação, raciocínio e a criatividade.

E na terceira etapa da pesquisa, será realizada a análise do livro “Bocejo” (MORICONI; BRENMAN, 2012), que por meio apenas de imagens o autor conta com se sucedeu o desenvolvimento da humanidade desde Adão e Eva até o século XX.

1 LEITURA

Se há escrita, há leitura. No livro que conta as histórias mais antigas sobre a humanidade, a Bíblia (2012). Diz que o próprio Deus deu ao povo tábuas de pedra para que fossem escritos os dez mandamentos. Ou seja, algo foi escrito para que alguém o lê-se. O ato da leitura é tão antigo quanto à própria escrita. A pedra de Roseta tem data aproximada de 1500 a.C., nela consta textos em três idiomas, está possuía 14 linhas de hieróglifos, 32 linhas de demótico e 54 linhas em grego (OSMAN, 2005), não se sabe exatamente a sua utilidade, mas sua descoberta permitiu que historiadores conseguissem interpretar os hieróglifos.

Os registros eram feitos para que os próximos leitores pudessem compreender o manuseio da agricultura, e tudo o que pudesse ajudar informar ou instruir. Principalmente nas tumbas, onde ficava registrado nas paredes o que a pessoa fez durante sua vida.

Se procurarmos em um simples dicionário escolar o conceito da palavra ler, podemos ter a seguinte definição: “1. Inteirar-se do conteúdo de (um escrito). 2. Pronunciar em voz alta (o que está escrito). 3. Entender ou decifrar o sentido de. 4. (fig) Adivinhar; predizer. *Int.* 5. Ver e interpretar o que está escrito. 6. Identificar letras ou palavras.” (LUFT, 2000, p. 241). Aqui temos seis breves definições a respeito do verbo ler, onde é possível se apropriar de forma superficial do texto escrito, reproduzir pela voz o texto, decodificar e trazer sentido ao texto, fazer suposições ao texto, compreender o texto ou simplesmente decifrar os símbolos sem ter nenhuma compreensão do que está posto.

Assim o ato de ler envolve uma série de questões, que vai depender do leitor atingirem o seu nível da leitura. Pois quando falamos em ler/leitura não pode deixar de considerar na população do Brasil, onde o índice de analfabetos e analfabetos funcionais é muito grande (FAILLA, 2016).

Desta maneira, quando falamos em ler, temos que ter em mente o longo processo que isto envolve processo este que leva uma vida, desde a primeira infância e se estende por toda nossa vida, onde sempre estamos tentando decifrar e compreender novos códigos.

“A palavra ler vem do latim *legere*, significando ler e colher” (VARGAS, 2013, p. 26), quando colho, trago para mim não a planta inteira com sua raiz, mas o colher

os frutos, ou seja, a leitura envolve colher os frutos do texto, extrair o que ele tem de melhor e incorporá-lo ao seu conhecimento.

No prefácio de Vargas (2013), o poeta Jair Ferreira dos Santos, relata que o Brasil pulou uma etapa no processo da leitura, onde “passou da cultura oral para a leitura eletrônica sem transitar pelo livro. Não formou nem o hábito de ler nem a cidadania, que pressupõe o senso crítico trazido pela imprensa” (VARGAS, 2013, p. 11). Levando em consideração que o Brasil possui 207,7 milhões de habitantes (FAILLA, 2016), e destes números 104,7 milhões “se declaram” leitores.

Vargas (2013) relata que a leitura proporciona ao leitor prazer+conhecimento, mas comparando a quantidade da população supostamente leitora, percebemos que muitos não compreendem essa relação, e veem que a leitura proporciona sacrifício+perda de tempo.

No mundo moderno a leitura faz parte das relações sociais, principalmente no mundo digital, que este meio não exige uma leitura que necessite de muitas habilidades e nem muito conhecimento.

A leitura significativa oferece o desenvolvimento dos processos cognitivos (VARGAS, 2013), ou seja, ela aumenta as sinapses do nosso cérebro, aumentando o conhecimento e a inteligência.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1997, p. 11)

Quando compreendemos que a linguagem e a realidade estão sempre interligadas, temos que entender que a leitura liberta, quando Freire (1997) fala sobre a leitura do mundo, é quando temos que ter compreensão das relações sociais que nos cerca, para não sermos enganados e manipulados, por isso que ler é imprescindível, principalmente ler diferentes pontos de vista, pois é diferente de quando escuto o outro, posso ser seduzido pelo seu discurso e facilmente ser levado a acreditar em falsas verdades.

Manguel (1997), ao pesquisar sobre os estudantes da cidade Sélestat na França do período de 1450, achou um relato de Jakob Wimpfeling, que estudava latim

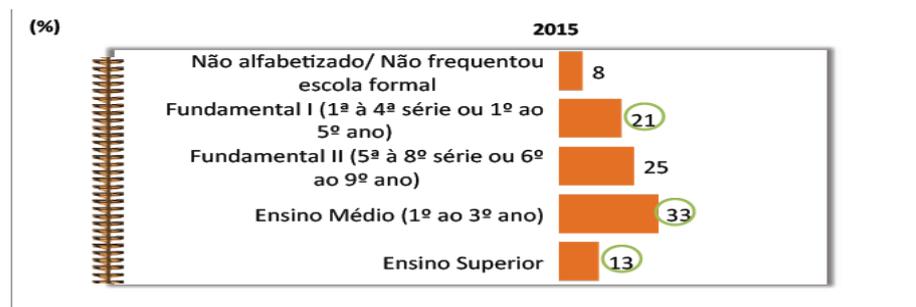
seguindo a pedagogia da escolástica, onde “comentou anos depois que quem estudara pelo velho sistema ‘não conseguia nem falar latim nem escrever uma carta ou poema, e nem mesmo explicar uma das orações usadas na missa” (MANGUEL, 1997, p. 96). Nesse período as técnicas de ensino eram muito rudimentares, “vários fatores tornavam a leitura difícil para um noviço. (...) A pontuação era ainda errática no século XV, e as letras maiúsculas eram usadas sem consistências” (MANGUEL, 1997, p. 96).

Se no texto de Manguel não estivesse claro, que o período era no século XV, e que se tratava da pedagogia da escolástica, poderíamos dizer que estava falando dos dias de hoje.

Na 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, iniciam dizendo que “É preciso apostar no aumento do número de leitores a partir de um tripé essencial formado pela família, pelo Estado e pela sociedade civil” (FAILLA, 2016, p. 6). Esta pesquisa é a mais recente no Brasil, “que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro, (...) para melhorar a qualidade e os atuais indicadores de leitura e de acesso ao livro pelos brasileiros” (FAILLA, 2016, p. 159). O qual será abordado apenas algumas questões desta pesquisa. A base de amostra da pesquisa é sempre de 5.015 pessoas.

O quadro abaixo mostra a escolaridade das pessoas que responderam a pesquisa.

Gráfico 1 – Escolaridade do respondente



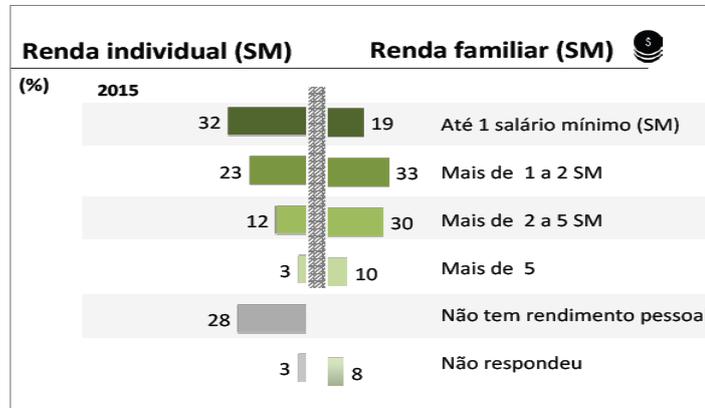
**O dado usado para a cota de escolaridade da amostra foi da população com 18 anos e mais. Os dados deste slide são referentes à amostra do estudo, população com 5 anos e mais.*

Fonte: (FAILLA, 2016, p. 177)

Ao analisar a renda familiar dos entrevistados, não se pode deixar de considerar que apenas 10% dos entrevistados possui renda familiar com mais de 5 salários. E dos outros que responderam deveria constar quantos há nessa família,

porque com rendimento familiar baixo, dificilmente há investimento na compra de livros.

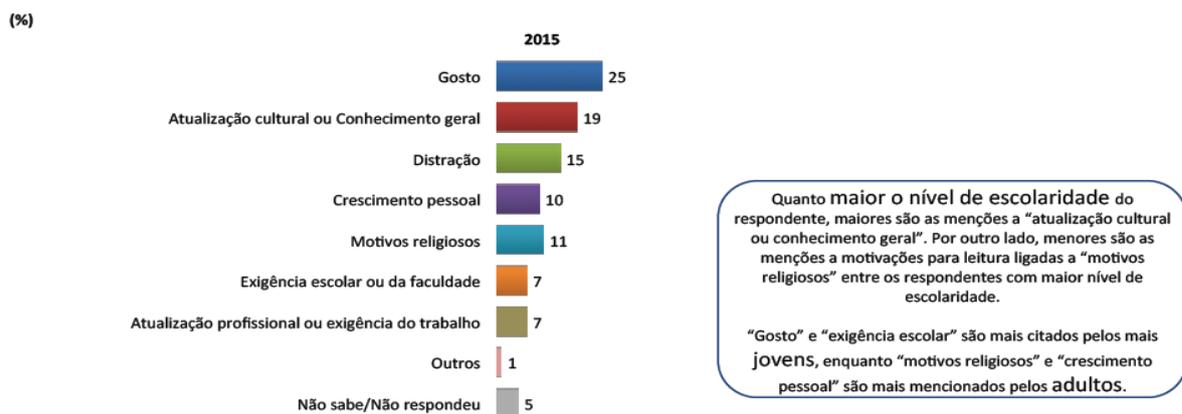
Gráfico 2 – Renda individual e familiar e classe



Fonte: (FAILLA, 2016, p. 180).

Para os índices de leitura, foram considerados os 3 meses anteriores à pesquisa. Que definiu como leitor “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos 3 meses. [E não leitor] É aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses” (FAILLA, 2016, p. 184). Mesmo assim, um número baixo, em torno de quatro livros ao ano, se ler por inteiro, por isso que a estimativa de leitores no Brasil é de 56% ou 104,7 milhões de pessoas.

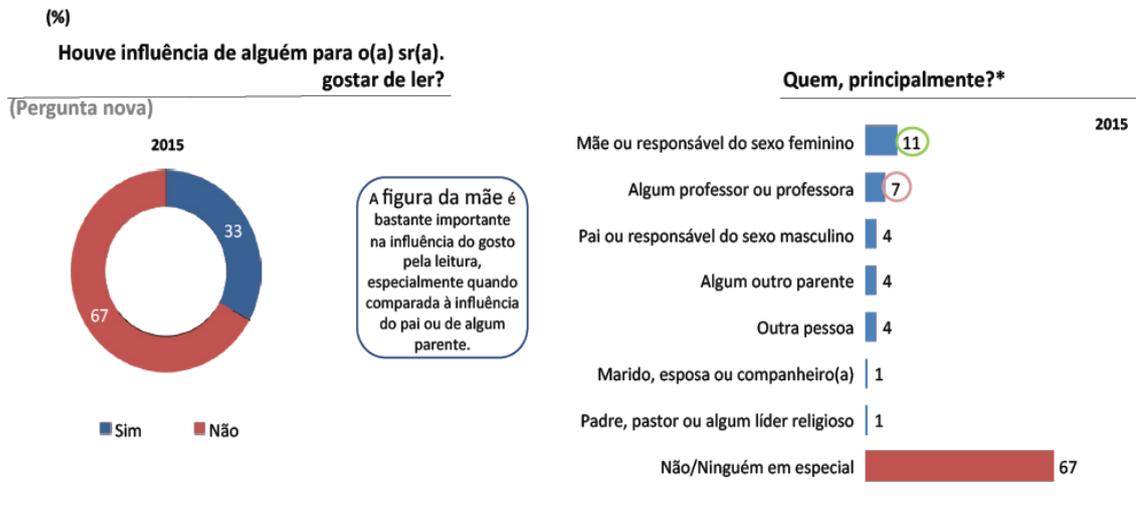
Gráfico 3 – Principal motivação para ler um livro



Fonte: (FAILLA, 2016, p. 192)

O gráfico apresenta que as maiorias dos entrevistados recorrem à leitura por que querem, e não por se sentirem obrigadas.

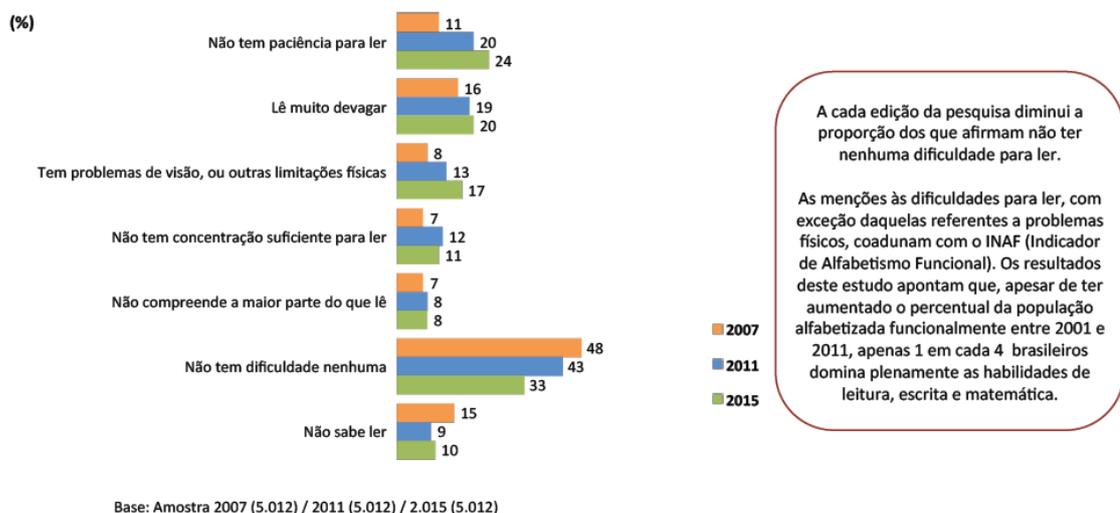
Gráfico 4 – Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura



Fonte: (FAILLA, 2016, p. 206)

A figura do professor ainda bastante presente na influência para a formação de leitores.

Gráfico 5 – Dificuldades para ler



Fonte: (FAILLA, 2016, p. 231)

Neste gráfico um ponto preocupante é - Não compreende a maior parte do que lê - e ainda mostra uma crescente de 2007 para 2015, não entender o que lê, é uma briga que as escolas enfrentam a muito tempo, mas essa questão vai ao encontro do que Manguel (1997) comenta, a leitura nos dias atuais infelizmente não é vista pelo prazer ou para o conhecimento, mas sim para a instrução.

Gráfico 6 – O que a leitura significa



Fonte: (FAILLA, 2016, p. 240)

Embora muitos responder, apontando na leitura pontos positivos, 14% é uma quantidade muito grande, ao compreender a leitura como negativa para a vida.

2. LITERATURA INFANTIL

“Literatura para quê?”, questionou Compagnon (2009). Literatura é para alegrar a alma, para viajar, se apaixonar, se encantar, suspirar, entender o mundo, esquecer do mundo, sentir raiva, medo, calafrios.

A literatura não tem uma data exata de quando passou a existir, mas “talvez se possa afirmar que a literatura nasceu quando começou a era do livro. Antes dele, havia a poesia, o gesto, a imagem, o som, que se produzia e eram transmitidos, por meio da voz, do corpo, do olhar e da audição” (LAJOLO E ZILBERMAN, 2017, p. 22).

“Aristóteles, respondendo a Platão, dizia que, enquanto a história narrava o que realmente tinha acontecido, o que podia acontecer ficava por conta da literatura” (LAJOLO, 1986, p. 45), por isso que Lajolo (1986) diz que a literatura não transmite nada ao leitor, ela planta a semente que faz criar algo diferente em quem a lê. Pois de uma palavra ou frases, o leitor pode ter inúmeros sentimentos, desejos, delírios.

Quando em seu livro Compagnon questiona a serventia da literatura, o mesmo também nos faz uma série de questionamentos, para refletirmos a respeito da literatura. “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola” (COMPAGNON, 2009, p. 23).

Tais perguntas podem ser respondidas em uma frase de Italo Calvino, na qual ele diz: “No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo (...)” (CALVINO, 1990, p. 19-20).

Calvino (1990) estipula cinco adjetivos para a literatura, os quais proporcionam ao leitor senti-los por meio da leitura, é a *leveza*, onde permite ao leitor voar, ter a *rapidez* de um cavalo. Como poder voar e ser veloz junto com Fernão Capelo Gaivota, que faz com que o leitor sinta a liberdade junto a uma gaivota (BACH, 1976).

A *exatidão*, em “uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as mudanças do pensamento e da imaginação” (CALVINO, 1990, p. 72), que palavra pode ser mais exata quando nos referimos a dor ou dor de dente ou melhor a dor de dente de um jacaré (TERRA, 2012). Na exatidão a literatura “é a Terra Prometida em que a linguagem se torna aquilo que na verdade deveria ser” (CALVINO, 1990, p. 72).

Na *multiplicidade* permite visualizar e ter uma breve compreensão do saber humano, como a sabedoria de um menino príncipe que mora em um pequeno mundo (SAINT-EXUPÉRY, 2009). “(...) O grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo” (CALVINO, 1990, p. 127).

E a *visibilidade*, faz nossa mente agir como um cinema, esse “cinema mental funciona continuamente em nós – e não cessa nunca de projetar imagens em nossa tela interior” (CALVINO, 1990, p. 99). Como tentar imaginar uma velhinha na sua rotina dentro da sua casa, se ela é uma bruxa, escritora ou bailarina (AZEVEDO, 1998).

Leveza, rapidez, exatidão, multiplicidade e visibilidade cinco qualidades da literatura que nos permitem perceber o mundo, as emoções, produzir efeitos que nos fazem sentir o prazer estésico, as quais pode ainda ser incluído o caráter saboroso, já que por meio da leitura conseguimos sentir o sabor, degustar, ficar com água na boca ao construir a imagem de um enorme morango suculento (WOOD, 2007).

Se desde o período Paleolítico, antes mesmo da invenção da escrita, o homem já havia encontrado um modo de narrar, de contar histórias, é somente no final do século XVII que a literatura infantil começa a tomar forma, quando a criança passa a ser vista de uma forma diferente, como uma criança de fato, mas que deveria ser preparada para a vida adulta (CUNHA, 1984), “antes disto, não se escrevia para elas, porque não existia a ‘infância’” (ZILBERMAN, 1985, p. 13).

As crianças que mantinham uma proximidade dos adultos, estavam também próximas da literatura. Que não muito diferente dos dias atuais.

Temos de distinguir dois tipos de crianças, com acesso a uma literatura muito diferente. A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares. (CUNHA, 1984, p. 19).

A educação das crianças das classes menos favorecidas ou ficava a cargo da família, ou seja, não recebiam educação formal e não tinham acesso à literatura. “Os estudos superiores (...) eram extraordinariamente caros, (...) os estudos inferiores de caráter popular não existiam” (PONCE, 2010, p. 118).

Outros tinham seus preceptores, que possuíam um pouco mais de instrução, ou eram encaminhados para os monastérios, local que havia toda a literatura da época disponível.

Com o empobrecimento da nobreza e a ascensão da burguesia, receber a educação formal passou a ser muito útil, e “ler e escrever já não eram considerados pelos nobres como coisas de mulheres” (PONCE, 2010, p. 115).

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (ZILBERMAN *apud* CUNHA, 1984, p. 19).

A literatura da época apresentava caráter formativo e informativo, contudo em meados do século XVII Charles Perroult e os irmãos Grimm já iniciavam com suas grandes histórias, contemplando o folclore e os contos de fada. Gradativamente surge em outros países novos escritores da literatura “infantil” como Andersen, Lewis Carroll, Mark Twain, Charles Dickens, entre outros (CUNHA, 1984).

Enquanto os grandes nomes da literatura infantil e juvenil já estavam estabelecidos, no Brasil só mais tardiamente, na primeira década do século XX, teve início a produção destinada ao público infantil com Monteiro Lobato (1882-1948).

A esposa de Lobato era quem lia para seus filhos as fábulas de Esopo e La Fontaine, pois julgava extremamente precária a produção literária infantil aqui no Brasil, e em uma carta a um amigo, em 1916 Lobato comenta que “(...) é de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos (...) um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for bem feito com arte e talento dará coisa preciosa” (LOBATO *apud* PENTEADO, 1997, p. 154).

Por isso, mesmo a maioria de suas obras sendo destinadas ao público infantil, traziam em sua essência assuntos que eram destinados ao público adulto. Monteiro Lobato discutia problemas sociais e econômicos do país, ele tinha uma missão social,

que era o esclarecimento da população (PENTEADO, 1997). Enrustido na literatura para as crianças, suas histórias contava com:

Rebeldia contra a estrutura oligárquica do poder existente.
Preocupação crescente com a miséria do povo.
Ridicularização das convenções morais pregadas pela igreja(...), atribuindo-lhes parte da culpa da manutenção do *status quo*.
Crença no desenvolvimento econômico e político de forma capitalista como solução dos problemas brasileiros.
Questionamento da justiça como instrumento de poder de quem estava do lado do governo. (PENTEADO, 1997, p. 163-164).

Carlos Drummond de Andrade questiona o fato de haver uma literatura própria para crianças, no seu entender essa literatura abrange adultos e crianças.

O gênero “literatura infantil” tem, a meu ver, existência duvidosa. (...) A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinados a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado um linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? Vêm-me à lembrança as miniaturas das árvores, com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos; são anões vegetais. A redução do homem que a literatura infantil implica dá produtos semelhantes. Há uma tristeza cômica no espetáculo desses cavalheiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detêm a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e sérias, dizendo-lhes toda sorte de frases em linguagem infantil, que vem a ser a mesma linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e edulcorada na pronúncia... Essas pessoas fazem oralmente, e sem saber, literatura infantil. (*Apud* CUNHA, 1984, p. 21).

Esse posicionamento de Drummond, mesmo não agradando a muitos, pelo fato de questionar a existência e a permanência da literatura infantil no mundo da literatura, pode ser compreendido de outra maneira, já que a literatura infantil vai sim agradar as crianças e, eventualmente, também aos adultos, esse é o direito que lhes cabe enquanto leitores, de escolher o que ler, quando ler e com que frequência.

Coelho (2000) subdivide a literatura infantil brasileira pós-lobatiana, que seria a partir das décadas de 1960 e 1970 em “questionamento e representação”.

No que concerne ao atributo de questionamento, as obras são classificadas como inovadoras, pois questionam o mundo, e incitam o leitor a querer mudar o mundo; em relação à representação, classificam as obras como continuadoras pois “representam o mundo – procurando mostrar (ou denunciar) os caminhos ou os comportamentos a serem assumidos (ou evitados) para a realização de uma vida mais plena e mais justa” (COELHO, 2000, p. 150).

O que hoje define a *contemporaneidade* de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p. 151).

Como vimos, a literatura tem a função de ampliar a visão do homem sobre mundo. Todo o seu trabalho estético serve para encantar, seduzir o público infantil à leitura, mas também para prepara-lo a sonhar com um outro mundo possível.

2.1 INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade hoje faz parte da literatura, do cinema, da música, do poema, da novela, da propaganda, das artes. “O espaço da cultura é intertextual” (PAULINO, WALTY & CURY, 1998, p. 12), tudo se dialóga e sempre terá essa relação de troca do “novo” com o “velho”. “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64).

São linguagens que se cruzam, é uma linguagem não esperada, e que foge do formato pré-estabelecido. Sant`anna comenta que o “texto é algo sempre em movimento, que há uma correlação entre as diversas escritas, e que a única maneira de se aproximar o quanto possível de uma certa verdade é estar preparado para ler todos os artifícios que os textos nos preparam” (1998, p. 72).

Estabelece “como tarefa básica a criação de ‘uma infindável rede’ nas produções humanas, consegue alcançar o objetivo desejado” (PAULINO, WALTY &

CURY, 1998, p. 9), como também as autoras defendem essa diversificação na linguagem “enquanto democratização cultural é sempre melhor do que o monopólio de um código, mesmo que este seja o literário” (1998, p. 16).

Bakhtin já falava sobre o modo polifônico de Dostoiévski, onde este em sua literatura já trazia arraigada a intertextualidade (BAKHTIN, 1981), visto pelo autor como a própria construção da linguagem.

Assim, a língua não é propriedade de um indivíduo em particular, nem é, por outro lado, um objeto independente da existência dos indivíduos. Exatamente nos espaços dos intercâmbios, dos conflitos, das vozes que se propagam e se influenciam sem cessar, situa-se a linguagem como processo social. A linguagem, em qualquer de suas manifestações, teria uma base relacional, interacional, ao processar-se entre os indivíduos de uma sociedade. (PAULINO, WALTY & CURY, 1998, p. 21).

Como exemplo disso, muito já se ouviu a respeito da frase “*yes, we can*”, de forma intertextual muitos se utilizaram dessa frase, que fazia parte do discurso político do ex-presidente do Estados Unidos Barack Obama.

Na produção literária a intertextualidade se subdivide, a apropriação, onde há a reprodução de algo já existente (PAULINO, WALTY & CURY, 1998). Porém, a apropriação, “enquanto prática intertextual, transita do estatuto de um ato legítimo e, as vezes, inevitável, até a ilegalidade do plágio” (PAULINO, WALTY & CURY, 1998, p. 22). Como exemplo na literatura infantil, no livro *A letra N e o nascimento da noite*, ao relatar o início da humanidade, o autor de apropria do relato bíblico.

“O senhor fez a luz.
E achou que era bom.
E com a luz, Ele fez a manhã
e a tarde do primeiro dia.
E achou que era bom.”
(ZIRALDO, 1993, p, 4)

Na referência ou alusão, o autor cita algo já existente, para dar sequência a sua narrativa (PAULINO, WALTY & CURY, 1998).

E como forma de ditadizar *O mito da caverna* do filósofo grego Platão, o personagem Piteco que vive no tempo das cavernas, protagoniza na história em quadrinhos “*As sombras da vida com Piteco*” (SOUZA, 2002).

Figura 1 – As sobras da vida com Piteco



Fonte: (SOUZA, 2002)

Na realidade ficcional de Dona Benta, a mesma ao contar muitas histórias às crianças do sítio, o autor traz: “De Salomão Dona Benta pulou para a Fenícia. – No tempo em que ninguém sabia escrever – disse ela -, porque o alfabeto ainda não fora inventado (...)” (LOBATO, 2015, p. 54).

Na paródia há uma reprodução da estrutura, e a atual passa a ser cômica. Como na coleção clássicos do cinema da Turma da Mônica, onde alguns clássicos do cinema mundial dão espaço às aventuras da turma.

Figura 2 – Intertextualidade nas revistas em quadrinhos



Fonte: (SOUZA, 2015, 2016a, 2016b)

Com o livro *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley publicado em 1932, que apresenta uma narrativa que se passa em Londres no ano 2000, 68 anos na frente de sua publicação, e temos o livro *Este admirável mundo louco* (ROCHA, 2003), relata sobre um manuscrito encontrado entre os pertences de um professor que acreditava em ufologia, e em seus escritos ele conseguiria provar a existência de vida em outro planeta, contando a vida da extraterrestres e universitária Fláritis, como também fazendo uma severa crítica à poluição e as guerras do planeta Terra.

2.2 PARA QUE SERVE UM LIVRO SEM FIGURAS NEM DIÁLOGOS?¹

A escolha de iniciarmos este capítulo com a pergunta de Alice, personagem de Lewis Carrol, escritor inglês, mundialmente reconhecido pela sua Obra Alice no País das Maravilhas, quer trazer para a discussão a ideia de obras que inserem imagens e palavras, que conjugam verbal e não verbal não é algo deste século XXI. Porém, em um momento em que a imagem tem encontrado cada vez mais espaço na sociedade, nas produções artísticas, na literatura é mister enveredarmos por este caminho e nos

¹ Reenunciamos nesse título a Pergunta de Alice, personagem de Lewis Carrol.

colocarmos esta pergunta, ou melhor, refazermos a pergunta: Para que serve a imagem em um livro, ou para que serve um livro sem palavras?

Se perscrutarmos a história da escrita, vamos constatar que as narrativas fazem parte da história da humanidade e que as primeiras produções foram feitas por meio de imagens, no período Paleolítico, entre 40.000 e 10.000 anos a .C. Somente nos anos 3.500 a.C surge a escrita sumeriana cuneiforme e muito mais tarde, o alfabeto latino, nos anos 750 a.C. (HADDAD, 2008). Então, a capacidade do homem narrar, descrever os seus feitos e seus heróis antecede o surgimento da escrita.

Ao longo dos anos, porém, a escrita foi ganhando um grande relevo, a nossa sociedade tornando-se sempre mais grafo cêntrica, e a imagem foi cedendo espaço para o verbal, ou ocupando espaço na literatura um pouco mais restrito à literatura infantil e juvenil, mesmo se, podemos nos reportar a obras reconhecidas como, por exemplo, a Divina Comédia de Dante Alighieri, que foi ilustrada pelo Francês Gustave Doré. (HADDAD, 2008).

A partir da década de 1920, Paul Faucher foi o precursor da literatura que contempla o não verbal, com as obras do “Albums du Père Castor” (Álbum do Pai Castor), os álbuns de figuras tiveram mais de 25 milhões de exemplares vendidos na Europa, que “exerceu enorme influência na renovação da literatura destinada ao pequeno leitor (...)” (COELHO, 2000, p. 187).

Entre os anos de 1929 e 1931 Paul Faucher, percorre toda a Europa atrás de pesquisas pedagógicas e novas ideias para seus livros, sendo exclusivo de imagens “destinado a facilitar o processo educacional desde suas primeiras horas” (COELHO, 2000, p. 188).

O álbum de figuras, tal como foi concebido por Paul Faucher (...), visava (e visa...) tornar-se um veículo de educação ativa, capaz de tocar diretamente a imaginação e a inteligência das crianças, de maneira muito mais eficaz do que qualquer dos meios usados até então. (COELHO, 2000, p. 188-189).

Coelho (2000) diferencia a imagem da ilustração. Essa precisa de um texto para complementá-la, enquanto a imagem “é autônoma, tem uma significação completa em si mesma”. É portadora de uma mensagem. (COELHO, 2000, p. 188).

A imagem gera produção de conhecimento, que, na maioria das vezes, parecem com o que representam (METZ, 1974). Por exemplo, quando tenho uma

imagem de um animal, no caso um coelho, este pode ser branco e de olhos vermelhos ou não, mas quando mostro outro coelho branco, vestido de *smoking*, crio naturalmente uma outra ideia. Que coelho será esse? O coelho da páscoa? O coelho que aposta corrida com a tartaruga? Será necessário uma maior compreensão da literatura ou do cinema, para entender que o coelho branco vestido de *smoking* pertence a história da Alice no país das maravilhas (CARROLL, 2011).

FIGURA 3 – Comparação coelho branco de olhos vermelhos e Personagem de Alice no País das Maravilhas



Fonte: <http://coelhomaniaille.blogspot.com/2013/03/diferenca-entre-lebres-e-coelhos.html>; (CARROLL, 2011, p. 13)

Diferente da ilustração, a imagem para Metz (1974) é analógica, pois esta tem a intenção de transferir um código.

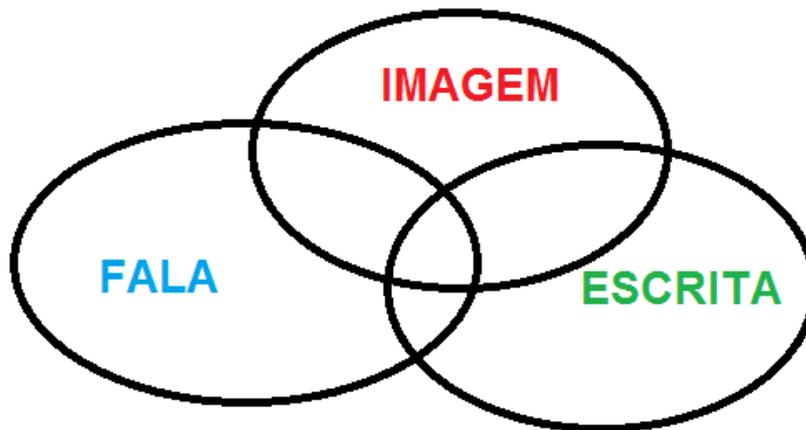
A imagem não constitui um império autônomo e cerrado, um mundo fechado sem comunicação com o que o rodeia. As imagens – como as palavras, como todo o resto – não poderiam deixar de ser consideradas nos jogos dos sentidos, nos mil movimentos quem vêm regular a significação no seio da sociedade. (METZ, 1974, p.10).

Assim entendemos que a imagem nunca é neutra, esta é sempre passível de interpretação, discussão, e por isso, ao vislumbrá-la o interlocutor, ou leitor pode discordar, concordar, analisar, admirar.

Metz (1974) ainda comenta que há uma relação entre a imagem e a língua, onde podemos entender que um desencadeia o outro, e vice versa.

Complementando este pensamento, entende-se que há uma estreita ligação, não só entre a imagem e a língua, mas entre a imagem – fala – escrita, como podemos observar no diagrama.

FIGURA 4 – Interrelação entre Imagem, fala e escrita.



Fonte: Autoria própria, 2018.

Sendo um processo, primeiro tenho a imagem, por segundo incorporo a fala e por último a escrita, os três não possuem a mesma intensidade, pois posso pensar mais e falar menos, escrever mais, mas mesmo assim permanecem interligados.

As mudanças tecnológicas têm produzido nos últimos anos uma alteração no modo de produção e recepção de texto, os modos de produzir textos na contemporaneidade incluem múltiplas semioses e modos, e isso se verifica, nos textos que são veiculados em suporte digital, na *web*, mas não só, chegam também a influenciar inclusive a produção artística voltada para encantar e seduzir, como é o caso da literatura. Nesse sentido, observamos obras reconhecidas mundialmente que ganham uma versão mais ilustrada, como se pode verificar nas versões em quadrinhos de *Os miseráveis*, de *Odisséia*, ou ainda, para versões totalmente remixadas, como é o caso de *A Divina Comédia*, lançada em versão para videogame como *Dante's Inferno*. Na esteira dessas novas produções surgem muitas obras que colocam em relevo a imagem, alguma delas conhecida como livros de imagens, criadas sem texto escrito, o enredo é composto por meio da sequência de imagens,

ou seja, é uma história narrada por meio de imagens, como era comum no período Paleolítico.

Se a narrativa é composta somente de imagem, é necessário considerar que elas vão ocupar o lugar do encantamento e da sedução, ou seja, tem uma finalidade estética, e precisam ser analisadas nesta perspectiva.

Para analisarmos a imagem, nos basearemos na proposta categorizada por Luis Camargo, baseada em categorias estilísticas elaboradas por HERICH Wölfflin.

Quadro 1 – Categorias de estilo

Linear vs pictório	Linear – valoriza a linha e o contorno da imagem. Pictório – valoriza o movimento gestual.
Plano Profundidade	Plano – sem a presença de perspectiva. Profundidade -Apresenta perspectiva, volume e profundidade
Forma fechada Forma aberta	É delimitado pelo enquadramento Sugere um espaço ilimitado, aberto
Pluralidade Unidade	Os objetos que compõem a cena estão interligados e unificados. Cada objeto tem um significado isolado.
Clareza obscuridade	Figuras apresentadas sem cortes, de forma integral. Apresenta parte da figura.

Fonte: Categorias de HERICH Wölfflin, aplicadas por Luis Camargo.

Segundo HADDAD (2008 p. 44) a ilustração pode: “representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de chamar atenção para si mesma, para o seu suporte ou para a própria linguagem visual”.

Em se tratando de uma obra literária, o objetivo está mais voltado para às questões estéticas, e tem a função de expressar por meio das escolhas de cores, texturas, formatos, massa, volume, os valores do ilustrador, sua concepção de mundo, ou seja o conjunto de elementos colocam em relevo a imagem criada e os múltiplos sentidos que adquirem de caráter cultural e social.

3. ANÁLISE

O livro *Bocejo* de Renato Moriconi e Illan Brenman levam o leitor a uma divertida viagem sobre a arte de bocejar e o fazem não sem Arte, no sentido estético da palavra. Composto quase exclusivamente de imagens, uma exceção é a onomatopeia do som do próprio bocejo, leva o leitor a entrar na história da humanidade com muitas referências, em que se pode observar a visão cristã, com Adão e Eva, percorrendo também a visão evolucionista, o mundo egípcio, grego até a era contemporânea com a chegada do homem a lua.

As imagens, feitas em tinta acrílica, em tamanho grande, no centro da página direita, trazem a ideia central do fato histórico, ou da narrativa que pretende salientar; a margem esquerda e direita, estão às referências históricas outras narrativas, que dialogam com a história colocada em primeiro plano, o que permite atribuir sentidos da narrativa

O livro apresenta, portanto, somente imagens do início ao fim, e a única escrita que aparece é a onomatopeia “OOOOHHHHHHH”, nas páginas esquerdas do livro, que está exposta no formato de ondulação para todos os personagens, com exceção da árvore e da mulher, que expressam o som do bocejo de cada um deles.

Como já dito, o bocejar dos personagens é um modo dos autores nos levarem a adentrar na história da humanidade, que pode ser seguida pelas teorias evolucionistas e também criacionistas, como se pode verificar já nas duas primeiras páginas da narrativa totalmente preta, o que supõe a criação da Terra ou o surgimento do universo. Pois de acordo com a ideia criacionista, “a terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar (...)” (A BIBLIA, p.3, 2012). Ou que após uma grande explosão, e pós um longo tempo resfriamento, a nossa galáxia a partir de um colapso, entrou em uma singularidade, proporcionando condições de vida na Terra (HAWKING, 1988).

A segunda imagem é uma árvore com um buraco no tronco como se fosse uma boca bocejando e os galhos para cima como se estivesse se espreguiçando, a imagem por de trás da árvore remete a um jardim, que no início da criação do mundo era o jardim do Éden (A BIBLIA, 2012), e junto a esse jardim há um cavalo, o qual parece um unicórnio, e um palhaço com nariz vermelho e chapéu de bobo da corte,

com uma boia na cintura também de unicórnio, ele está dentro de um lago como se estivesse se divertindo, como sendo a única criatura inteligente criada por Deus, sua inocência o torna um palhaço, não sabendo o que lhe vem pela frente.

A terceira imagem, é uma mulher nua com a boca aberta bocejando e com os braços abertos e erguidos se espreguiçando, sendo essa mulher Eva, no seu despertar para a vida (A BIBLIA, 2012), ao fundo no jardim duas árvores em destaque, uma que aparentemente é uma macieira, com um maçã no chão, como se alguém (no caso Adão e a Eva) já tivesse experimentado, e do outro lado uma bananeira com uma serpente com uma placa de proibido, simbolizando a árvores do conhecimento do bem e do mal (A BIBLIA, 2012).

Nas imagens um e dois, ainda não há a onomatopeia “OOOHHHHHHH”, pois é como se ainda não houvesse a fala, o que ocorre a partir da terceira imagem.

Na terceira imagens há um macaco com feições humanas, com a boca aberta bocejando com os dentes bem definidos e com os braços erguidos se espreguiçando com um tacape na mão esquerda, no fundo não há mais jardim, ao lado direito um macaco (com aparência animal), com uma fisionomia interrogativa, indicando a perplexidade de não entender o que se passa com o protagonista da cena, a única espécie de primata que evoluiu.

Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário, provavelmente em fins desse período, vivia em algum lugar da zona tropical – talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do oceano Índico – uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida. Darwin nos deu uma descrição aproximada desses nossos antepassados. Eram totalmente cobertos de pelo, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas. (ENGELS, s/p, 2018).

Do outro lado esquerdo da imagem, as bananas descascadas, remetem à narrativa de Eva, já ressignificada pelos autores uma vez que indicam a banana era como fruto proibido por Deus, ou a árvore do conhecimento, o que em tese teria possibilitado ao homem que o comeu conhecerem o mundo e a história por meio de uma visão científica, ou seja, a vertente evolucionista da história do homem, nesse sentido a evolução do macaco que originou ao homem, como afirma Engels:

Mas aqui precisamente é que se percebe quanto é grande a distância que separa a mão primitiva dos macacos, inclusive os antropóides mais superiores, da mão do homem, aperfeiçoada pelo trabalho durante centenas de milhares de anos. O número e a disposição geral dos ossos e dos músculos são os mesmos no macaco e no homem, mas a mão do selvagem mais primitivo é capaz de executar centenas de operações que não podem ser realizadas pela mão de nenhum macaco. Nenhuma mão simiesca construiu jamais um machado de pedra, por mais tosco que fosse.

Por isso, as funções, para as quais nossos antepassados foram adaptando pouco a pouco suas mãos durante os muitos milhares de anos em que se prolongam o período de transição do macaco ao homem, só puderam ser, a princípio, funções sumamente simples. Os selvagens mais primitivos, inclusive aqueles nos quais se pode presumir o retorno a um estado mais próximo da animalidade, com uma degeneração física simultânea, são muito superiores àqueles seres do período de transição. (ENGELS, s/p, 2018).

A quarta imagem, o personagem é um faraó que está com a boca aberta bocejando e os braços erguidos se espreguiçando, diferenciando a posição das mãos, característico das pinturas egípcias. Ao fundo três pirâmides (Quéops, Quéfren e Miquerinos) a esfinge com orelhas do Mickey Mouse, personagem da Disney, tornando a esfinge a atração principal do Egito, a estátua está com o rosto levemente voltado para o lado como se olhasse para o faraó, e lá no deserto próximo às pirâmides os escravos, responsáveis pela construção das pirâmides.

O faraó tem as sobrancelhas finas e maquiagem nos olhos, o que eram típicos dos egípcios. Tem a fisionomia do cantor pop Michael Jackson, marcado pelo nariz afinado. No clip *Remember the time* (1991) Michael Jackson encena o Antigo Egito. A aproximação da Pirâmide Esfinge ao Mickey nos permite também olhar para a referência do antigo Egito, com toda a sua supremacia cultural, ao que hoje se observa também no que importamos como produto cultural.

A quarta imagem representa a Mitologia Grega, ao fundo o monumento Partenon construído em 480 e 323 a.C. em Atenas dedicado a deusa Atenas (GRIMAL, 1997). Ainda ao fundo o Minotauro que possui cabeça e cauda de touro e corpo de homem, que está tocando trompete em seu labirinto (GRIMAL, 1997), do outro lado um soldado com um estilingue na mão para acertar Ícaro.

Ícaro é filho de Dédalo e de uma escrava de Minos chamada Náucrate. Quando Dédalo ensinou Ariadne a forma de Teseu encontrar o caminho do labirinto e este matou o Minotauro, Minos, furioso, encarcerou Dédalo e o filho no labirinto. Dédalo, porém, a quem não faltavam recursos, fabricou para Ícaro e para si mesmo umas asas que colou com cera aos seus ombros e aos do filho. Em seguida, ambos levantaram voo. Antes de partir, Dédalo recomendara a Ícaro que não voasse nem muito baixo nem muito alto. Ícaro, porém, orgulhoso, não deu ouvidos aos conselhos do pai e elevou-se aos ares, aproximando-se tanto do Sol que a cera derreteu e o imprudente caiu no mar. (GRIMAL, p. 241, 1997).

A mulher ao centro é a estátua de Ariadne, que de acordo com a Mitologia Grega:

Ariadne é filha de Minos e de Pasífae. Quando Teseu chegou a Creta para lutar com o Minotauro, Ariadne viu-o e sentiu um violento amor. Para lhe permitir descobrir o caminho no labirinto, onde se encontrava o Minotauro, deu-lhe um novelo de fio, que ele desenrolou, e que lhe indicou o caminho do regresso. Depois, fugiu com Teseu, para escapar à cólera de Minos. Contudo, não chegou a Atenas. Tendo feito escala na ilha de Naxos, Teseu abandonou-a, adormecida, junto do mar. (GRIMAL, p. 45-46 1997).

Na quinta imagem, é um soldado romano, com a boca bocejando e com os braços erguidos como se estivesse se espreguiçando. Ele está vestido com uma armadura e nas mãos um escudo e uma espada. No fundo da imagem há o Coliseu que fica na cidade de Roma na Itália, que foi construído nos anos 70 a 90 d.C. as casas ao fundo é do período de 64 d.C. onde o Imperador Nero, conhecido por sua crueldade e tirania mandou incendiar as casas (SOUZA, 2018).

Chapeuzinho Vermelho, personagem que se consagrou nos livros dos irmãos Grimm, que de acordo com estudos, surgiu de uma história real no século I (OLIVEIRA, 2018). Chapeuzinho está observando Rômulo e Reno, que segundo a lenda em 753 a.C. fundaram Roma, que na infância foram alimentados por uma loba.

Na sexta imagem é um Vikings, povo que ocuparam as terras na Suécia, Noruega e Dinamarca entre os séculos VIII a XI, ruivo com cabelos e barbas compridas, braços fortes vestido com roupa de pele de animal, justificado pelo ambiente com neve e a Tundra, vegetação predominante na região. Em uma das mãos o viking segura um machado de lâmina dupla e capacete de chifres, por serem

grandes guerreiros. No fundo um grande barbo com proa e popa alta, movido a remo e vela, esses barcos serviam para comercio e para ser utilizados nas batalhas. Do lado direito há um papai Noel esquiando. Nas tradições bárbaras já apresentavam suas próprias tradições religiosas, como também uma remota imagem do surgimento do Papai Noel.

Na sétima imagem há uma bruxa de vestido vermelho e chapéu pontudo, ela tem unhas compridas que também estão pintadas da mesma cor do vestido, sua fisionomia é de uma pessoa idosa, com olhos fundos, orelhas maiores que o normal, queixo e nariz fino, comprido e com verrugas, seus dentes sujos tortos e espaçados.

No fundo da imagem há uma floresta e uma pequena casa, a qual seria da bruxa, como está saindo uma fumaça vermelha da chaminé, que pode ser de um feitiço, que por este motivo um soldado com uma lança está indo ao encontro da casa. E o raio no céu, como resultado do seu feitiço.

Na idade média ente os séculos XV e XVII, as feiticeiras eram acusadas de falsificar o poder de Deus. E por esse motivo era suspeito ou era pego praticando bruxaria era condenado à fogueira.

Na oitava imagem, há um homem vestido com uma farda com as cores branco, azul e vermelho, que são as cores da bandeira da França. Este homem é Napoleão Bonaparte, seu governo foi de 1799-1815 (TOFFOLI, 2018), seu sucessor Napoleão III, sobrinho e herdeiro do trono de Napoleão Bonaparte, seu governo foi de 1852 a 1870 (MARX, 2012), o período de seu governo visto como bonapartismo era conhecido como “a verdadeira religião da burguesia moderna, (...) ditadura da espada sobre a sociedade civil” (MARX, p.17, 2012).

Napoleão está segurando uma espada na mão esquerda, a outra mão está apoiada sobre seu estômago por dentro da roupa, pois uma úlcera teria ocasionado sua morte (TOFFOLI, 2018), a aparência sonolenta de Napoleão, pode ser pelo fato de estar de noite, com um casaco para se proteger do frio, mas que mesmo assim ergue sua espada para dar ordens, que ao fundo da imagem há um soldado armado em uma mão e na outra mão segura uma lamparina, este vai em direção a um civil, que está com as mãos erguidas. Parece que a presença dessa personagem ao lado esquerdo, à margem da sociedade francesa, possa também querer significar a aproximação do militar a uma visão racista, que levou os militares negros a serem

proibidos de habitar em Paris. Essa exclusão é considerada por alguns historiadores com um precursor do que mais tarde seria feito por Hitler.

Na nona imagem, pela fisionomia, o personagem é Charles Chaplin, a imagem faz apologia ao filme *Tempos Modernos* (1936), devido ser em preto e branco, Chaplin vestido de macacão e camisa branca, roupa dos operários, com duas ferramentas iguais em ambas as mãos, para a repetição constante das mãos, agilizando os movimentos para o aumento da produção, gerando o trabalho alienante e a exploração do trabalho.

No fundo da imagem, há fábricas soltando fumaça pelas chaminés, como se estivessem a todo vapor, e ao lado direito há um homem de barba e parcialmente careca com muitos trabalhadores à sua volta. Lembra a imagem de Marx, que foi uma figura importante na luta dos trabalhadores. Pois seus escritos contribuíram para compreensão do que estava se passando com os trabalhadores com o surgimento do capitalismo. Como a exploração pelo capital, mais-valia, divisão do trabalho, entre outras (MARX, 2010).

Na décima imagem, há o físico Albert Einstein, além de bocejar de sono, o personagem é representado na sua famosa foto em que ele também está com a língua para fora da boca.

Ao fundo da imagem há uma nuvem de cogumelo de vido a explosão de uma bomba atômica desenvolvida pelo cientista.

No dia 6 de agosto de 1945, o avião norte-americano *Enola Gay* lançou a primeira bomba atômica já usada em uma guerra sobre a cidade de Hiroshima, no Japão, matando cerca de 140 mil pessoas. Três dias depois foi a vez Nagasaki ser atingida por outra bomba. Este último artefato foi lançado cerca 1,5 km longe do alvo, que era o centro da cidade e, mesmo assim, matou 75 mil pessoas. (CAVALCANTE, s/p, 2018).

No gramado, um coelho vestido de smoking, alusão ao livro *Alice no país das maravilhas* – que teve sua primeira edição em 1865 de Lewis Carrol - o coelho tem em suas mãos um relógio do pintor Salvador Dalli – *A persistências do tempo* (1931), na história o coelho vestia smoking e segurava um relógio de bolso, e sempre preocupado que não podia perder tempo. O tempo que persiste em ficar, nas mãos de alguém que tem medo de perdê-lo. Do outro lado da imagem uma árvore seca com os mesmos relógios da pintura de Dalli, com um relógio cuco mais rudimentar. O

tempo passa ao mesmo tempo em que persiste em ficar, com as pessoas tentando fugir da realidade tentando esconder a cabeça como o avestruz.

Na décima primeira imagem é o astronauta Neil Alden Armstrong, que na missão Apollo foi o primeiro homem a pisar na lua em 20 de julho de 1969. A imagem ao fundo é o solo lunar com uma sonda espacial, um extraterrestre verde, antenas e três olhos como morador da lua. A bandeira que era dos Estados Unidos foi substituída por uma cueca nas cores branco e vermelha, próximo ao planeta Terra há quatro naves espaciais semelhante à do filme Star Wars (1977), mas que também sugere-se à corrida espacial, dos que ficaram pra trás, no caso a Rússia.

Na roupa do astronauta, há também objetos que não pertencem a roupa usada no espaço, como caneta, canudo, escova de dente, o que remete ao astronauta como um possível morador do espaço.

As duas últimas páginas sugerem uma interação sobre o processo de leitura, do lado esquerdo, o som do bocejo, na página em preto, do lado direito, a página branca, permite que o leitor se veja, na sua sombra espelhada, dentro do livro, como uma personagem da narrativa, não mais no tempo histórico ou mítico, mas presentificado no espaço e tempo da leitura, do seu leitor. Um modo interessante, instigante, de interação autor-texto-leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, percebeu-se o quanto a literatura infantil é importante para a aprendizagem dos alunos, como também para o seu desenvolvimento intelectual. Retomando ao pensamento de Freire (1997), onde a leitura de mundo precede a leitura da palavra, vemos o quanto a compreensão da imagem, desde as primícias da aprendizagem, refletirá positivamente na formação do indivíduo.

Então, o livro que apresente o texto não verbal, possibilita sim a aprendizagem, levando em consideração que essa inserção tem que fazer parte do cotidiano do aluno/criança, para que ela seja significativa e dê frutos.

Os livros fornecidos pelo PNAIC desde 2013 apresentam muitos exemplares de boa qualidade e com uma temática diversificada. Mesmo sendo escritos para o público infantil, requer um certo tempo do professor para explorá-los e refletir sobre a leitura, analisá-los para que possa perceber as inúmeras referências presentes na obra, como vimos por exemplo em *Bocejo*, que podem propiciar ao aluno uma compreensão mais ampla do discurso, bem como uma aproximação estética da obra, como salienta Coelho: “Conhecer as imagens que nos rodeiam significa também alargar as possibilidades de contato com a realidade; significa ver mais e perceber mais...” (MUNARI Apud COELHO, 2000, p. 196). Essa citação, nos faz lembrar as inúmeras possibilidades intertextuais que nos rodeiam, sejam elas na televisão, na propaganda, na internet, no cinema, no teatro, na música, na arte, e isso contribui para ampliar os horizontes da nossa mente. Compreender mais, entender as entrelinhas, ir além do que se está posto para propiciar de fato uma experiência de estesia, de prazer, de sedução para a leitura.

Por isso, que a pesquisa, desenvolvida nos impulsiona a ir adiante, e interrogar-se sobre questões fulcrais, pois mesmo que as escolas públicas municipais recebam muitos livros de boa qualidade, não podemos ter a certeza de como estes livros estão sendo apresentados. Algumas perguntas encontram brecha nessa reflexão final: Estes livros estão sendo utilizados? E se estão, de que maneira? Ou só estão encaixotados nas prateleiras para não estragar? E o texto não verbal, está presente no cotidiano escolar? O professor possui conhecimento para compreende a

importância desse tipo de texto para a aprendizagem do seu aluno? Ele consegue ler as imagens?

Como vimos o livro escolhido para a realização análise “BOCEJO” (MORICONI; BRENMAN, 2012), é muito rico, e podemos afirmar, sem dúvida, que não temos uma simples imagem a cada página, mas uma obra de arte, com muitas referências a outras narrativas, um tratado de intertextualidade e dialogismo. A única palavra presente no livro é a onomatopeia “OOOOHHHHHHH”, que reflete o ato de bocejar dos personagens, que desde o jardim do Éden, passando pelos homens das cavernas, os egípcios, mitologia grega, os romanos, os Vikings, idade média, revolução Francesa, revolução industrial, Albert Einstein, até chegar ao astronauta Neil Alden Armstrong, nos levam a olhar para as narrativas que conhecemos as histórias do mundo e da sociedade, com pontos de vista diferentes. Não há na obra uma visão monológica da história, ela é dialógica, e pode ser compreendida por muitos pontos de vista dependendo das referências da esquerda ou da direita, ou seja, se ela é vista do centro, aquilo que está colocado em primeiro plano, ou pelas outras perspectivas, apresentadas não em evidência, mas que sempre estão ali para ressignificar e contextualizar a época e as múltiplas faces da história.

É um livro destinado ao público infantil e que exige um olhar apurado sob os pequenos detalhes, é preciso aprender a aproximar-se de cada personagem central em cada página e olhar igualmente para as histórias contadas à margem do discurso oficial. E nesse sentido é possível compreender que a narrativa se torna uma grande aula de história, mesmo se não uma única frase, somente uma interjeição. Talvez a presença dessa interjeição queira significar a surpresa, o espanto do leitor ao adentrar a narrativa, e ao final, fazer parte dela, vê-se inserido no centro, em primeiro plano para continuar a construir histórias para a sociedade.

Eis, portanto, a novidade, a riqueza e potencial para o ensino do texto não verbal, propicia múltiplas leituras, estabelecer interdiscursividade, sem dizer uma só palavra frase.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Uma velhinha de óculos, chinelos e vestido azul de bolinhas brancas**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1998.

BACH, Richard. **A história de Fernão Capelo Gaivota**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense – Universitária, 1981.

BBC BRASIL. Gruta de Rômulo e Remo é descoberta na Itália. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/11/071121_gruta_italia_aw.s.html. Acesso em: 01/Abr./2018.

BÍBLIA, A. A criação do universo e da raça humana. Nova tradução na linguagem de hoje. Sociedade bíblica do Brasil: São Paulo, 2012.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: Lições americanas. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMARGO, Luís. **A Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CAVALCANTE, Kléber. Einstein e a Bomba Atômica. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/einstein-bomba-atmica.htm>. Acesso em: 01/ Abr./2018.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: Teoria, análise e didática. 1º edição. São Paulo: Moderna, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução: Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: Teoria e prática. 2ºed. São Paulo: Ática, 1984.

Diferença entre lebre e coelhos. Disponível em: <http://coelhomaniaille.blogspot.com/2013/03/diferenca-entre-lebres-e-coelhos.html>, Acesso em: 15/Jul./2018.

ENGELS, Friederich. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em: 01/ Abr./2018.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. 35ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GONÇALVES, Rainer. **A origem do Papai Noel**. Disponível em: <https://historiadomundo.uol.com.br/curiosidades/a-origem-do-papai-noel.htm>. Acesso: 01/ Abr./2018.

HADDAD, Lara. **A ilustração literária**. Londrina, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semanálise**. Perspectiva: São Paulo, 1974.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: Uma nova/outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.

LOBATO, Monteiro. **Histórias do mundo para as crianças**. Globo: São Paulo, 2015.

LUFT, Lya. **Minidicionário Luft**. 20ª ed. Ática: São Paulo, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad: Pedro Maia Soares. 2ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MARX, Karl. 1818-1883. **A guerra civil na França**. Tradução e notas: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. 1818-1883. **A ideologia Alemã**. Tradução: Frank Muller. São Paulo: Martin Claret, 2010.

METZ, Christian. Além da analogia, a imagem. In: METZ, Christian; *Et all.* **A análise das imagens**. Tradução: Luis Costa Lima; Priscila Viana de Siqueira. Petrópolis: Vozes, 1974.

MORICONI, Renato; BRENMAN, Ilan. **Bocejo**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

OLIVEIRA, Isabela de. Estudo mostra que história de Chapeuzinho Vermelho surgiu no século 1. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2014/01/12/interna_ciencia_saude,407453/estudo-mostra-que-historia-de-chapeuzinho-vermelho-surgiu-no-seculo-1.shtml. Acesso em: 01/Abr./2018.

OSMAN, Ahmed. **Moisés e Akhenaton**: A história secreta do Egito no tempo do êxodo. Trad: Caroline Kazue Ramos Furukawa. São Paulo: Madras, 2005.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades**: Teoria e prática. 4º ed. Editora Lê: Belo Horizonte, 1998.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato**: O imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro: Editora Dunya, 1997.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. Tradução: José Severo de Camargo Pereira. 23º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, Ruth. **Este admirável mundo louco**. 11ºed. Salamandra: São Paulo, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de (1900-1944). **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SANT`ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. 6º ed. Ática: São Paulo, 1998.

SANTOS; Fabrício. Bruxas e o Poder Simbólico. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historia/bruxas.htm>. Acesso em: 01/Abr./2018.

SANTI; Alexandre de. **A história por de trás dos Vikings**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/as-historias-reais-por-tras-dos-vikings-de-vikings/> Acesso em: 01/ Abr./2018.

SOUZA, Rainer. **Quem provocou o incêndio de Roma?** <https://historiadomundo.uol.com.br/idade-antiga/o-incendio-de-roma-quem-provocou.htm>. Acesso em: 01/ Abr./2018.

SOUZA, Mauricio de. **As sombras da vida com Piteco**. Editora Mauricio de Souza, São Paulo, 2002.

SOUZA, Mauricio de. **Caipirão América: O primeiro vingadoido**. Coleção Clássicos do Cinema. Nº49. Editora Mauricio de Souza, São Paulo, Ago/2015.

SOUZA, Mauricio de. **Guardoidões da galáxia**. Coleção Clássicos do Cinema. Nº53. Editora Mauricio de Souza, São Paulo, Set/2016 a.

SOUZA, Mauricio de. **Caçadores da coelhada perdida**. Coleção Clássicos do Cinema. Nº51. Editora Mauricio de Souza, São Paulo, Fev/ 2016 b.

TERRA, Ana. **E o dente ainda doia**. São Paulo: Editora DCL, 2012.

TOFFOLI, Leopoldo. **Era Napoleônica**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/era-napoleonica/> . Acesso em: 01/Abr./2018.

VARGAS, Suzana. **Leitura: Uma aprendizagem de prazer**. 7° ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

WOOD, Audrey. **O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado**. Tradução: Gilda de Aquino. 1° edição. São Paulo: Brinque Book, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4ª Edição. São Paulo: Global, 1985.

ZIRALDO. **A letra N e o nascimento da noite**. 7° ed. Melhoramentos: São Paulo, 1993.